

# VAGABUNDOS DO DHARMA OU CABEÇAS DE OVO

VILEM FLUSSER

Qua, para tirar qualquer dúvida possível que este título porventura criará na mente do leitor: "Dharma bums ou eggheads". Com efeito, esta me parece ser a alternativa, diante da qual a nossa sociedade nos coloca: optar por um empenho em prol da vivência imediata e tornar-se vagabundo do dharma, ou optar por um empenho em prol do intelecto cinzento e tornar-se cabeça de ovo. O presente artigo será uma defesa violenta da segunda alternativa. Duas serão as teses que submeterei ao leitor: (a) A decisão a favor ou contra o intelecto é uma decisão anterior a qualquer outro "engagement" que queiramos tomar. (b) Não há posição intermediária autêntica entre a vivência e o intelecto. Em outras palavras: a situação atual exige de nós uma escolha entre sermos vagabundos do dharma ou cabeças de ovo, e todo projeto da nossa existência dependerá dessa nossa escolha. Esboçarei ligeiramente a nossa situação, darei breves definições dos dois conceitos que aparecem no título, e tentarei defender as duas teses propostas.

A nossa situação se caracteriza não somente pelo aumento geométrico da massa de conhecimentos, aumento esse desacompanhado de um crescimento correspondente no campo da ética e da estética, mas ainda

pela mudança sutil do caráter dos conhecimentos acumulados. O aumento da massa de conhecimentos tem por efeito a crescente incapacidade do intelecto individual em abranger o campo do conhecimento, já não digo em seus detalhes, mas nem mesmo em suas linhas mestras. O intelecto individual está portanto condenado a nadar dentro da maré das informações, deixando levar-se ora por esta, ora por aquela onda. As informações não estão realmente ao seu dispor, já que não as pode compreender para valorizá-las. Essa impossibilidade de valorização empobrece o seu campo de ação, torna o indivíduo mais pobre ética e esteticamente. O progresso do conhecimento coletivo é portanto causa da estagnação ética e estética individual. A outra consequência da incapacidade do indivíduo em acompanhar o avanço do conhecimento coletivo é a coletivização desse próprio avanço. Novos conhecimentos não surgem mais em intellectos individuais, mas são devidos à atividade de grupos, como laboratórios, comitês de cientistas, fundações e universidades. Isto altera o caráter do conhecimento. Outrora era o conhecimento resultado da curio-

sidade intelectual, da inspiração imediata, do acaso, ou de uma busca tenaz impelida por motivos éticos, como no caso das descobertas no campo da medicina. Hoje é o conhecimento resultado de investimento de capital e de equipamento adequado, investimento esse feito por decisão das grandes indústrias e do governo. O progresso do conhecimento se transformou de aventura em avanço planejado, e somente aquele tipo de conhecimento progride que interessa aos financiadores. A canalização do conhecimento explica, talvez, a rapidez do seu progresso.

Mas o caráter do conhecimento sofre uma modificação ainda mais profunda. Não podendo ser saboreado pelo indivíduo, não lhe proporciona satisfação, mas causa-lhe desconfiança. O indivíduo põe-se a duvidar das informações que lhe são fornecidas, chamando-as de "teorias", sem se dar conta do verdadeiro significado deste termo, e assume atitude negativa face ao conhecimento "tout court". Este tipo de dúvida, que é antiintelectual, contribui para a alienação progressiva do indivíduo, para o seu afastamento do meio no qual se encontra. Paradoxalmente, entretanto, esta desconfiança que o indivíduo nutre pelo conhecimento não se estende para os produtos desse mesmo conhecimento. Pelo contrário: embora o homem moderno conheça sempre menos a respeito do mundo de máquinas, instrumentos e instituições que o cerca, aceita esse mundo com voracidade crescente. Consome quantidades sempre maiores de produtos dos quais entende sempre menos.

Esta situação sofre ainda o seguinte momento agravante: a massa de informações dentro da qual nadamos inclui notícias um tanto vagas, de acordo com as quais os próprios cientistas estariam perdendo fé no seu conhecimento. Embora não estejamos capacitados, pela nossa limitação, de compreender as razões dessa mudança surpreendente na atitude dos cientistas, aceitamos essas notícias de bom grado, já que servem de justificativa da nossa ignorância e do nosso isolamento. Esta é pois a situação dentro da qual estamos jogados, e na qual devemos decidir-nos pró ou contra o intelecto.

Definirei o "vagabundo do dharma" como sendo aquele que se decidiu contra o intelecto. O termo não é pejorativo, já que os seus próprios adeptos nos Estados Unidos recorrem a ele. A palavra "vagabundo" evoca a

anúncios luminosos, seus cabelos jornalísticos, seus altofalantes berrantes. Mas o sintoma mais inquietante do antiintelectualismo geral é a queda vertical dentro do "engagement" político, equivalente de um suicídio intelectual, para a qual os melhores entre nós estão se precipitando. A sociedade está se transformando, rapidamente, em aglomerado de "gangs" formadas por vagabundos do dharma.

Definirei o "cabeça de ovo" como sendo aquele que se agarra ao intelecto, a despeito das graves dúvidas que o progresso do intelecto ultimamente provoca. Não pretendo diminuir estas dúvidas ao esboçar a posição do "egghead". Não é possível negar, por exemplo, que o valor epistemológico da ciência está em jogo, no sentido de se tornar sempre mais duvidosa a "realidade" daquilo que a ciência investiga. Não é possível negar que o intelectualismo do século passado e dos primeiros decênios deste século conseguiu transformar a natureza que nos cerca num amontoado de feitura talvez sem paralelo na história da humanidade. E não é possível negar que o conhecimento crescente em nada contribuiu para elevar o nível ético da humanidade, já que permitiu, ou até assistiu, às duas guerras e ao nazismo.

Mas estas objeções epistemológicas, estéticas e éticas se dirigem contra um tipo de intelecto, a saber contra aquele intelecto que prevalecia na sociedade até recentemente. Este tipo de intelecto morreu. Nasceu na euforia do iluminismo e representava, com efeito, uma transferência da fé das religiões para as ciências ditas exatas. Não é em prol deste tipo de intelecto que o cabeça de ovo se empenha. As derrotas teóricas e práticas que o intelecto sofreu tornaram-no humilde. Não se arroga mais nem a capacidade nem o direito de substituir e eliminar os "instintos", nem de reger a natureza e a sociedade, nem de prever e planejar o futuro. E não se crê mais a chave mágica para todos os segredos. Entretanto afirma, isto sim, ser ele a única força humana que pode evitar, em certas circunstâncias, a queda do homem na barbárie e no fanatismo. Não pode substituir os instintos, mas pode servir-lhes de guia. Não pode reger a natureza, mas pode diminuir-lhe a ferocidade. Não pode criar nem organizar sociedades, mas pode abrandar o jogo das forças cegas que nelas operam. Não pode prever e planejar o futuro, mas pode evitar que a humanidade cave a sua própria sepultura. E, acima de tudo, pode o intelecto

A palavra "vagabundo" evoca a alienação deliberada do indivíduo, a sua negação consciente da sociedade tecnológica que o cerca. A palavra "dharma" indica a direção da fuga do indivíduo alienado: é o paraíso do "soit-disant" budismo. Não é a primeira fuga, a primeira debandada em massa, que assistimos no curso da história do Ocidente. No século 18 fugiam as damas da corte para abrigar-se na "natureza", uma natureza, bem entendido, na qual os riachos eram de champaigna e as pastoras usavam vestidos de seda. No século 19 os estudantes e empregados dos escritórios refugiavam-se, romanticamente, entre os índios nobres de uma América imaginária, e bebiam a sua cerveja com os heróis dos Nibelungen. Não é portanto muito original essa fuga da nova geração para os braços do Senhor Buddha, embora deva admitir que o método dessa busca do nirvana seja surpreendente. Procuram estes "místicos" a iluminação nas boites, alcançam o êxtase ouvindo discos de jazz, e a disciplina monástica que Siddharta Gautama recomenda, os nossos fiéis a cumprem não tomando banho e não cortando o cabelo. É graças a este método que a nova geração sorve a plenitude exuberante do instante e comunga com a riqueza deslumbrante da vida. Bebendo como está nos seios da vivência imediata, pode permitir-se o luxo do desprezo altivo daquela pseudo-sabedoria poeirenta e nojenta que é a tradição do Ocidente. Afinal, qual é o resultado dessa civilização, moribunda de qualquer forma? Máquinas e guerras. Não impede entretanto este desprezo legítimo, que o funcionamento perfeito da vitrola e a temperatura exata do whiskey sejam exigidos.

É fácil ridicularizar esta tendência da juventude, embora ela se alastre nos países "desenvolvidos" e esteja dignamente representada também no Brasil em sinal do seu crescente desenvolvimento. Mas não quero restringir o termo "vagabundo do dharma" a este grupo apenas. O desprezo pelo intelecto apodera-se de camadas sempre maiores da sociedade, e os "poetas" da sarjeta com ar condicionado representam tão-somente uma vanguarda. Na discussão filosófica assistimos a um florescimento do pensamento existencial que tem curiosas semelhanças com o budismo (Heidegger é lido mais no Japão que na Alemanha), e que advoga, se tomado a sério, o abandono grandioso do intelecto, embora os seus defensores continuem escrevendo livros. Pululam religiões e seitas orientalizantes ou quiliásticas, que procuram preencher o vácuo deixado pelo intelecto por um tipo de fé cuja inautenticidade é patente. Abundam as manifestações de uma arte sensorial (para não dizer visceral), que ataca os nossos nervos e procura fazer-nos vibrar pelo reflexo automático, sem incomodar neste processo a nossa massa cinzenta. O sensacionalismo brutal (a vivência deslumbrante) bate o ritmo dos afazeres e dos lazares da sociedade com seus

acima de tudo, pode o intelecto proporcionar ao homem aventuras e prazeres que a vivência bruta não pode. Embora brote o mundo do intelecto do mundo da vida, é ele infinitamente mais rico e mais prenhe de possibilidades. E' em prol desse mundo que o cabeça de ovo se empenha.

A sua posição é, entretanto, tão isolada quanto o é a posição do vagabundo do dharma. Não encontra nem apoio nem ressonância na sociedade. Visto dela é ele um "alienado". Isto porque a sua posição, embora possa ser veementemente "apresenta" (como neste artigo), é uma posição moderada e não desperta entusiasmos violentos. A sociedade, faminta de sensação, não encontra alimento para saciar sua fome nessa posição, e expulsa aquele que pretende defendê-la. E assim chegamos a situação curiosa que é o presente: a sociedade transformada em "gangs" de alienados (lonely crowd), a precipitar-se em diversas direções em sua fuga do intelecto, e o intelectual a presenciar essa debandada sem poder influir nela. A bem da verdade é preciso dizer que no Brasil a situação ainda não chegou a este ponto. Ainda somos "subdesenvolvidos". E ainda temos pseudo-intelectuais que oferecem o seu intelecto em holocausto no altar de um "engagement" político que é, em última análise, o "engagement" em prol daquele intelecto superado que descrevi mais em cima. Mas não tardará o nosso desenvolvimento e este artigo pretende servir de advertência da "shape of things to come" (da forma das coisas vindouras).

Há uma contradição naquilo que acabo de dizer, e me apresso a explicá-la: descrevo como sem esperança a posição do "egghead", e a advogo a despeito disto. Mas nesse "quand-même" camusiano reside talvez a dignidade do homem. Pode ser absurdo o empenho em prol do intelecto na presente conjuntura, e, digo mais, pode ser absurdo esse empenho em qualquer conjuntura, mas é o único empenho digno do homem. Por isto disse que não existem posições intermediárias, posições de compromisso. Essas posições, se assumidas, são falsas. São sinais de inautenticidade. Se me decido em prol do intelecto, a despeito do isolamento e da futilidade do intelecto, se me decido "quand-même", projeto a minha existência de acordo com essa decisão, existo autenticamente. Se, entretanto, procuro compromissos para fugir do isolamento e da futilidade, se procuro contactos com aquilo que por aí chamam de "realidade", entro em decadência e me precipito, inautenticamente, rumo à morte. Não digo que a decisão que advogo seja fácil, e digo que ela precisa ser tomada sempre de novo, já que é tão difícil de ser mantida. Mas afirmo que proporciona pelo menos tantas satisfações, quantas proporciona a embriaguez da vivência imediata. Neste esforço proselitizante que é o presente artigo dou-me por satisfeito se conseguí despertar nos leitores a sensação de curiosidade, já que a curiosidade é a fonte do intelecto.